

O LÚDICO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: QUANDO AS PALAVRAS SE TRANSFORMAM EM BRINQUEDOS

Maria Cleoneide de Souza Santos
Graduanda do curso de Pedagogia/CAMEAM/UERN

Valéria Vieira Pereira
Graduanda do curso de Pedagogia/CAMEAM/UERN

Míria Helen Ferreira de Souza
Professora Mestranda do curso de Pedagogia/DE/CAMEAM/UERN

RESUMO:

Esta pesquisa qualitativa é fruto da disciplina Estágio Supervisionado I do Curso de Pedagogia do Campus Avançado Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Objetiva refletir acerca da utilização do lúdico na contação de histórias na Educação Infantil. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo numa escola municipal de Pau dos Ferros com o intuito de investigar se a leitura é percebida como atividade lúdica. Realizou-se ainda uma revisão bibliográfica com base em Barreto (2003), Castro (2008), Mattos (2009), Villardi (1999), Lakatos & Marconi (2005), Solé (1998) e Áries (1981). Mediante os estudos realizados compreendemos que o lúdico na contação de histórias só faz sentido se tiver objetivos pré-estabelecidos que permita à criança adentrar no mundo fantástico da leitura. O diagnóstico revelou que os docentes ainda não têm preparo suficiente para conduzir o processo de leitura a partir da perspectiva lúdica.

Palavras - Chave: Lúdico. Contação de histórias. Educação Infantil. Estágio.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos o ensino na Educação Infantil tem frisado a importância de trabalhar sob uma perspectiva lúdica em que as crianças possam aprender brincando. Em meio a isso um dos pontos cruciais desse trabalho refere-se à utilização da ludicidade como forma de aproximar as crianças dos livros e do processo de ler a fim de tornarem-se leitores para toda vida.

Supomos que as dificuldades para o desenvolvimento da prática leitora residem no fato de que as crianças não permanecem atentas ao momento da história e, assim, ficamos a questionar sobre o que a docência pode fazer para solucionar ou facilitar a condução do processo de ensino-aprendizagem.

O interesse pela temática é advindo da preocupação acima expressada, bem como, do Estágio Supervisionado I, componente curricular obrigatório ministrado pela coordenadora do

estágio, a professora mestranda Míria Helen Ferreira de Souza, no 5º período do curso de Pedagogia do Departamento de Educação/DE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, *Campus* Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia/CAMEAM que se configura como importantíssima para a aprendizagem dos futuros docentes, porque proporciona experimentarmos três momentos distintos: a observação da prática docente e do cotidiano escolar; a regência supervisionada que favorece a execução da práxis no *in locu* e, por fim a aplicação de ações interventivas que corresponde à implementação de discussões sobre algum problema de conhecimento detectado na instituição escolar.

A pesquisa intitulada “O lúdico na contação de histórias: quando as palavras se transformam em brinquedos”, está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino e Aprendizagem (GEPPE/CAMEAM/UERN) que discute a construção de saberes docentes inerentes ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem nas diversas áreas do saber e ao Projeto PRODOCÊNCIA/UERN: Uma Proposta de Articulação Universidade-Campo de Estágio nos Cursos de Licenciatura, que tem como objetivo analisar e discutir sobre a valorização do lúdico nos espaços educativos.

O referido artigo propõe confrontar os estudos teóricos com a realidade vivenciada no campo de estágio a fim de constatar o uso do lúdico como ferramenta estruturante para a contação de histórias e está organizado em três momentos:

O primeiro faz uma contextualização sobre o surgimento do livro infantil, sua inserção no mundo da criança. Discorre também sobre a importância de utilizar o lúdico na contação de histórias com o intuito de desenvolver o processo ensino-aprendizagem. No segundo momento, discute como a literatura é trabalhada na Educação Infantil a partir das experiências vivenciadas no estágio. Nas considerações finais são apresentadas as reflexões resultantes do aprendizado adquirido no momento do estágio supervisionado.

Para a consecução deste foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, tendo em vista que esta se mantém distante de dados numéricos e é possibilitadora da observação dos fatos *in loco*, bem como da descrição fiel dos dados coletados sobre o ambiente físico ou humano observado, conforme referendado por Lakatos e Marconi (2005).

A observação, de caráter sistemático, foi realizada com o objetivo de entrar em contato com uma realidade concreta sobre o tema em estudo. As autoras supracitadas expõem que, nesse caso, o observador sabe o que procura e o que requer relevância em determinada situação.

A revisão bibliográfica foi aplicada com o fim de ampliar o conhecimento acerca do tema investigado, pois em conformidade com Lakatos e Marconi (2005, p. 185), [...] “propicia

o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Isso porque o aprofundamento do conhecimento possibilita ao pesquisador enxergar o tema sob vários ângulos, o que permite perceber diversos aspectos possíveis de serem investigados. Assim, foram analisados os aportes teóricos de Barreto (2003), Mattos (2009), Villardi (1999), Lakatos & Marconi (2005), Ariés (1981), Solé (1998) e Castro (2008) e Brasil (1998).

1 O LÚDICO E A LEITURA

A ludicidade nos dias atuais tem sido um tema muito debatido nos espaços acadêmicos, principalmente após vários estudos teóricos terem chegado à conclusão de que a brincadeira não é apenas sinônimo de jogo, mas também possui um caráter educativo.

A importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem ajuda o sujeito a formar conceitos próprios, socializar-se, desenvolver suas relações lógicas, além de possibilitar uma aprendizagem prazerosa. Devido aos seus efeitos benéficos muitos educadores passaram a aplicar a atividade lúdica como recurso pedagógico em suas metodologias de ensino aderindo à premissa de que brincar traz benefícios ao aluno porque projeta prazer, estimula o pensamento, provoca a vontade de aprender e construir um novo conhecimento e, ainda, instiga a participação do educando na leitura literária.

Para compreendermos o papel da Literatura Infantil na formação de leitores é pertinente contextualizarmos um pouco da história dos livros destinados à fase da infância em nossa sociedade.

Inicialmente, a literatura exposta nos livros foi pensada somente para atender os adultos e obedecia aos costumes e a igreja. Sua comercialização era tímida. Com o avanço das concepções acerca do que é ser criança, antes pensada como sendo um adulto em miniatura, segundo Ariés (1981), mas modificada a partir dos séculos XVII e XVIII, período em que passou a ser respeitada e percebida como um ser que necessita de cuidados e saberes é que os conteúdos abordados nos livros passaram a se preocupar com o público infantil emergindo daí os primeiros exemplares de contos de fadas e histórias folclóricas. Somente por meio da veiculação de livros infantis e o despertar pelo interesse em sua leitura é que a produção desses materiais literários se expandiu (MATTOS, 2009).

No século XX, a literatura infantil passou a ter como objetivo educar. Tal mudança corroborou para o distanciamento da leitura por prazer, aplicada de forma lúdica que despertasse a imaginação da criança (CASTRO, 2008).

A partir dos anos 70, o Brasil teve uma enorme contribuição de escritores preocupados com a imaginação infantil, dentre eles, citamos Monteiro Lobato com suas fantásticas histórias que deixavam e deixam até hoje as crianças e os adultos deslumbrados com os encantos do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Suas inúmeras obras proporcionaram o acesso ao mundo leitor de modo lúdico, uma vez que, possibilitavam a reflexão do sujeito mediante sua vivência social (CASTRO, 2008).

O lúdico existente na literatura infantil aflora a fantasia e, por meio da imaginação a criança mergulha no mundo do faz-de-conta e ativa situações corriqueiras em sua vida cotidiana. A relação entre o mundo imaginário e o real contribui para que a criança aprenda lições de vida, a respeitar as diferenças e, principalmente, conviver com o outro.

A motivação pela leitura deve iniciar-se em casa, do mesmo modo como são incentivados os hábitos comuns do dia-a-dia como brincar no computador, assistir TV e passear.

É fundamental que no início do processo de aquisição do ato de ler todas as pontuações emanadas pela criança, desde a simples retratação oral das imagens até a invenção de um texto divergente ao escrito no livro sejam valorizadas para que em outro momento em que a história seja contada pelo adulto possam ser percebidas as contradições entre o imaginado e o escrito, como explicita Castro (2008, p. 1):

Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Neste sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios.

A curiosidade é uma característica inata do sujeito. Dela depende a descoberta de saberes experienciais, no entanto, reafirmamos o posicionamento da autora acima referendada, uma vez que postula a importância do exemplo. Isso formaliza a concepção de que pais e professores devem ler também para que o gosto pela leitura venha a se desenvolver com eficácia, haja vista que a criança toma como modelo os sujeitos leitores e passa a imitá-los.

Porém, é pertinente pontuar que a leitura ainda não é considerada como lazer, pois em conformidade com dados da UNESCO, em 2005, apenas 14% do povo brasileiro lia, então concluímos que vivemos numa sociedade não leitora. Esse cenário acena para o fato de que é

função da escola possibilitar o acesso aos materiais literários e favorecer o desenvolvimento do ato de ler por prazer de ler e não como obrigação. (CASTRO, 2008).

Nesse enfoque, compreendemos a real importância que a literatura infantil tem para as crianças e, em conformidade com o que postula a autora acima citada cabe aos educadores a obrigação de despertar no aluno o gosto pela leitura, bem como, sensibilizar os pais da importância que têm como facilitador da evolução do processo de ensino-aprendizagem dos filhos.

A contação de história é uma prática antiga e não há no mundo quem não tenha ouvido ou contado algo da vida, de histórias fantásticas ou dramáticas, enfim, faz parte da vida de todo sujeito ouvir, falar e até viver história. Todo acontecimento, por mínimo que seja, possui sua parcela de importância porque a criança gosta de ouvir, mas também gosta de contar e falar sobre coisas que já vivenciou.

Contar história é descrever um mundo mágico onde tudo é possível e acontece. O mundo como é narrado na história faz toda a diferença, pois aproxima a criança da vivência lúdica, proporciona momentos agradáveis e estimula a compreensão e a imaginação.

Mas, para que isso ocorra de modo conciso, o contador precisa organizar os materiais, ter clareza e segurança no que diz, articular gestos à fala. Tudo isso torna uma simples contação de história em um espetáculo. Sobre isso Coelho (2001, p. 31 *apud* MATTOS, 2009, p. 18) afirma que “a simples narrativa é a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Não requer nenhum acessório e se processa por meio da voz do narrador, de sua postura”.

Na verdade, a citação acima nos impele considerar a existência da ludicidade no momento da contação da história. Muito embora afirme ser desnecessário o uso de instrumentos materiais, a ludicidade se faz presente no momento em que o relato se utiliza da gesticulação e da dramatização dos acontecimentos. Vale a pena atentar para o fato de que ao contar uma história oral é preciso, principalmente, o respeito aos momentos existentes (início, meio e fim).

A narrativa oral é uma atividade que pode ser realizada na escola, na rua, em casa, necessitando apenas de uma plateia que queira ouvir e viver a história e de um contador.

Discorrer sobre as técnicas de um contador de história não é tarefa fácil, pois sabemos que existem segredos ainda não revelados, no entanto, os docentes precisam desenvolver algumas habilidades como as pontuadas por Barreto (2003, p. 4): “ter uma boa entonação na voz, conhecer realmente a história, adaptar palavras ao vocabulário da criança, transmitir segurança, impor a sua criatividade, sem deixar de perder a essência da história e seu

encanto”. Estes são saberes essenciais a qualquer professor contador de histórias. A autora ainda complementa que,

O bom contador de histórias conhece a sua história de cor e salteado. Tem linguagem acessível às suas crianças e escolhe suas histórias levando em conta a faixa etária que pretende atender. Já que contar e ouvir histórias é um momento especial, o contador de histórias modifica o ambiente físico da sala, tornando-o mais acolhedor e propiciando um contato mais próximo com as crianças. Sua voz tem sempre a sonorização, a emoção de cada personagem. Para que um trabalho cercado de cuidados não se perca, é necessário que haja bastante cuidado com o espaço de tempo no qual se contará a história, para que a criança mantenha seu interesse na atividade desenvolvida, evitando projetar sua atenção a outras situações (BARRETO, 2003, p. 4).

As projeções apresentadas pela referida autora culminam no despertar dos alunos que ouvem as histórias com entusiasmo e, de modo concomitante, asseguram a diversão e a aprendizagem numa aula interativa, fator almejado durante a experiência do estágio vivenciado.

2 O LÚDICO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOB A ÓTICA DO ESTÁGIO

Muito se tem falado e discutido no âmbito da Educação Infantil sobre como assegurar a atenção das crianças no momento em que se contam histórias, pois, enquanto umas permanecem atentas outras se dispersam pelo meio do caminho.

Em geral, o trabalho com a literatura nessa fase escolar não obedece a um planejamento, por isso, acontece de modo isolado ou como passatempo e coloca em risco a sua eficácia.

Em razão da ausência de um plano que contemple as ações a serem desenvolvidas durante a contação de história, as crianças ao invés de sentirem gosto e prazer pela atividade acabam por considerá-la cansativa e enfadonha e afastam-se dos livros por não o perceberem como um objeto lúdico.

O professor, na maioria das vezes, não deixa os alunos manusearem os livros, como também não atenta para a escolha destes e não utiliza outros recursos que possam auxiliar na contação de histórias (VILLARDI, 1999).

Em alguns casos, as crianças trazem de casa materiais literários com histórias para serem contadas pelo professor e este, quando as lê, desconsidera a importância da leitura prévia para conhecimento das obras, como também dos saberes necessários ao contador de histórias apresentados, anteriormente, por Barreto (2003).

Essa forma de atender a solicitação do aluno não conduz a nenhum objetivo propício ao ensino-aprendizagem porque não adere ludicidade à ação.

Haja vista que as discussões sobre as práticas metodológicas dos docentes da Educação Infantil estão em efervescência aproveitamos o momento destinado ao estágio supervisionado para analisarmos as práticas lúdicas aplicadas na escola campo de estágio.

O Estágio Supervisionado I aconteceu na Educação Infantil e durante a fase de observação buscamos investigar os aspectos físicos, organizacionais e metodológicos da escola.

A instituição compõe o quadro das escolas públicas municipais de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte e terá seu nome preservado por não termos documentos que liberem a divulgação da mesma.

Tivemos a oportunidade de participar de um encontro para o planejamento semanal em que os professores decidiram a temática que seria trabalhada na semana e com base em quais objetivos. Percebemos que os conteúdos procuram satisfazer as necessidades de aprendizagem dos alunos, mas as alternativas didáticas propostas contradizem o foco desta pesquisa, uma vez que, não há preocupação com atividades inovadoras, lúdicas.

É pertinente expor que a sala de aula, *locus* da pesquisa, atende crianças entre 4 e 5 anos de idade, e a realidade vivenciada nela pelas estagiárias está muito aquém do projetado no encontro. A maneira como os conteúdos foram trabalhados não correspondiam aos objetivos desejados porque não havia processo de interação entre professor e aluno.

Ao presenciarmos as aulas de leitura em que a literatura infantil seria esboçada, constatamos a ausência da sequência lógica da história, bem como o uso dos elementos orais e gestuais que dão vida a história para facilitar o entendimento da criança e, após isso, foram realizadas atividades simplórias que reforçam a prática tradicional de ler para responder por obrigação.

O uso do lúdico se dava por meio de apresentações com fantoches, músicas e tinha a finalidade única de divertir as crianças durante a comemoração de alguma data especial. O referido brinquedo não era usado como recurso pedagógico na contação das histórias.

Chamou-nos atenção à cobrança pós-história feita pela professora, que se resumia à perguntas sobre os nomes e as características dos personagens e depois desenhá-los.

Percebemos que muitas crianças não faziam a tarefa pedida e a batizavam de chata. Isso se repetiu praticamente todos os dias em que estivemos na instituição de ensino.

Tal situação nos reportou a reflexão de que contar uma história por contar, como foi visto na sala de aula, não permite aos alunos a interação com o texto, conforme prescrito por Solé (1998).

Conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o grande objetivo da Educação Infantil hoje não está mais pautado apenas no cuidar, mas proporcionar a inserção das crianças no mundo social possibilitando o desenvolvimento da percepção do mundo, do respeito aos seus direitos e os dos outros e tanto a leitura como a ludicidade que nela se impõe favorecem isso (BRASIL, 1998).

Sentimos que os alunos têm sede de conhecer e viver a magia proporcionada por uma história contada. Esse desejo externado pelas crianças é gerador de uma autonomia que nasce do entrelaçamento entre o encanto e a realidade que vivenciam.

Atentamos, porém para o cuidado que o docente deve ter ao escolher os livros para as crianças da Educação Infantil, em especial os que se reportam as histórias de contos de fadas, pois Villardi (1999, p. 88) destaca que por serem antigos “retratam, muitas vezes, valores incompatíveis com a sociedade contemporânea”.

Como na faixa etária de 4 a 5 anos de idade, a criança demonstra interesse pelas imagens dos livros, também é importante atentar para as gravuras presentes nos materiais de leitura (VILLARDI, 1999).

Na realidade experimentada no estágio isso se configurou como verdadeiro quando a docente trouxe um livro somente com desenhos e convidou os alunos a contarem a história a partir do que viam e compreendiam, com intervenção da docente. Os educandos nem precisaram saber ler para entender o contexto e a mensagem da leitura, usaram aquilo que têm domínio para realizar a atividade.

No decurso do estágio, foi possível perceber o desafio que o professor enfrenta para realizar atividades de leitura com crianças pequenas, pois elas não permanecem atentas quando a temática não gera interesse.

Como tínhamos a possibilidade de propor um projeto de intervenção que viesse a contribuir com algum problema de conhecimento detectado durante o período de estágio, decidimos focar a proposta do lúdico na contação de histórias.

O referido projeto interventivo sugeria alguns procedimentos metodológicos a serem trabalhados associando a leitura ao lúdico, como: a escolha antecipada do livro, a recontação pelas crianças a partir da história contada, o diálogo sobre o texto relacionando-o à realidade

dos alunos, a elaboração de projetos de leitura, a exposição de livros ao alcance dos discentes a fim de criarem um laço afetivo com o material literário.

Nosso intuito maior foi promover a relação da criança que ainda não sabe ler com o livro no intuito de fomentar o gosto pela leitura. Mas, às vezes, perguntávamos como fazer isso com o sujeito que não sabe ler sozinho.

De certa forma, partimos do pressuposto que os alunos que ouvem e imaginam as histórias são leitores, é aí que reside a ludicidade na arte de contar histórias. Como explicita Villardi (1999, p. 81):

Se a criança brinca, ela também é capaz de descobrir o lado lúdico do livro, encantando-se com as surpresas que lhe estão reservadas a cada virar de página. Sendo assim, quanto mais cedo a criança tiver contato com livros, melhor; e quanto mais for capaz de ver no livro um grande brinquedo, mais fortes serão, no futuro, seus vínculos com a leitura.

Daí a importância de oferecer precocemente o livro à criança e permitir vislumbrá-lo como um brinquedo para que descobrindo e aprendendo a manuseá-lo desenvolva a capacidade crítico-reflexiva. Nesse formato, admitimos que o livro é um instrumento lúdico capaz de entreter e encantar qualquer criança, assim como um brinquedo.

PARA ENCERRAR...

Discorrer sobre o lúdico na contação de histórias tem levado muitos estudiosos a se debruçarem sobre o tema na intenção de proporcionar alternativas e mecanismos capazes de melhorar a aprendizagem dos alunos. Porém, muitas lacunas ainda se perpetuam devido a não compreensão do termo e isso culmina num trabalho disperso, sem associação com as áreas do conhecimento e as necessidades de aprendizagem das crianças.

Conforme abordado no decurso dessa pesquisa, nos dias atuais é raro encontrar lares em que a leitura seja considerada um prazer e isso acaba por dificultar o avanço dos saberes e compactua para a não familiarização com os livros.

Outro aspecto discutido foi a importância de se criar na escola um momento de contação de histórias com a intenção de aproximar os alunos do livro, fazendo fluir suas curiosidades e, assim aprender brincando. Mas, para que isso ocorra formalizamos a

necessidade de conhecimento dos saberes adequados ao professor contador de histórias para despertar o encanto nas crianças.

Durante a realização deste estudo concluímos que o trabalho com a leitura lúdica na Educação Infantil ainda acontece de forma isolada e com o fim único de entreter ou não deixar as crianças sem fazer nada. Dessa forma não está propiciando um ambiente lúdico favorecedor de aprendizagem das crianças.

A partir dessas constatações, procuramos durante a fase de regência do estágio, trabalhar a perspectiva lúdica para que as crianças pudessem se sentir contagiadas e envolvidas pela leitura. Consideramos que esta experiência foi significativa e prazerosa para os alunos que demonstraram vontade de participar das ações.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1, 2 e 3.
- BARRETO, Cíntia Costa. **A arte de contar histórias: Uma reflexão sobre a experiência com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos**. UERJ, 2003.
- CASTRO, Eline Fernandes de. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Trabalho científico de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Específica em Português) - apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MATTOS, Bruna Daniela Souza. **A literatura infantil contemporânea e a contação de histórias**. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina, 2009.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**/ Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.